

Apocalipse

José Costa Matos

Estarrecido e só, dentro da noite, assisto
à transfiguração tremenda do Universo:
os astros não são mais de luz e anda disperso
um vírus sideral para matar tudo isto!

Um dilúvio de treva, instantâneo, imprevisto,
quando afogar os sóis, o arco-íris vai submerso,
e o Cruzeiro do Sul vai ser o último verso
que há de morrer no mundo, a chorar Jesus Cristo!

Na agonia da Terra, as truculentas massas
profanam sem piedade as últimas carcaças
da esperança e do amor, na assombração do escuro!

E eu, mudo de terror, a minha angústia escondo,
enquanto escuto, ao longe, o pavoroso estrondo
destas horas sem Deus fecundando o futuro!

A Saudade na Volta da Jurema

José Costa Matos

Aqui, bem junto ao mar, ao sol poente,
o copo de cerveja sobre a mesa,
eu não te tenho, mas está presente
a tua voz na voz da hora-tristeza.

Alguém de muita força oprime a gente,
traz jangadas de volta a Fortaleza,
traz aves forasteiras do Ocidente
às pescas de mergulho e de afoiteza.

Alguém que chega e queima o céu com brasas,
Alguém que acende estrelas sobre as casas
e açula as sombras contra as coisas nuas.

Alguém que encontro aqui, nas tardes mansas,
Alguém que não me traz mais esperanças,
mas bem que ainda me traz notícias tuas!

Meditação sobre a Sabedoria dos Encontros

José Costa Matos

Sobre o rastro das horas desatentas,
a vida tece a trama dos destinos ...
Se sopramos as cinzas das fogueiras
que tremeram nas noites esquecidas,

a terra fica múrmura de brasas
cantadeiras das grandes profecias,
estrelas de Belém do jornadeio
que ainda vamos riscar sobre o planeta.

Ai! de quem crê no acaso, em coincidências,
e não decifra o encontro, que buscava
na inconsciência dos íntimos anseios!

Ai! de quem rasga o mapa do seu mundo!
Ai! de quem lança ao mar todas as chaves
da única porta que lhe cabe abrir!